Aufklärung Revista de Filosofia

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v12i2.71535
Recebido: 25/10/2024 | Aceito: 30/06/2025
Licença: Creative Commons 4.0 International (CC BY 4.0)

A IMAGEM SINÓPTICA: A TESE MODAL KANT-SELLARS E SEU PAPEL NA UNIFICAÇÃO DAS IMAGENS MANIFESTA E CIENTÍFICA

[THE SYNOPTIC IMAGE: KANT-SELLARS MODAL THESIS AND ITS ROLE IN THE UNIFICATION OF THE MANIFEST AND SCIENTIFIC IMAGES]

*Henri Marcel de Oliveira São Paulo**
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Resumo: Busco apresentar, de forma sintetizada e simplificada, o que o filósofo estadunidense Robert Brandom chamou de "tese modal Kant-Sellars", e proponho explorar suas consequências para a formulação de uma imagem sintetizada das imagens manifesta e científica da pessoa-no-mundo. Interpreto a tese modal Kant-Sellars como uma tese acerca da constituição da racionalidade humana como implicando a inserção do sujeito racional em um espaço das razões normativo e inferencialmente articulado. Esta tese, por sua vez, implica a unificação dos vocabulários descritivos e normativos em uma única imagem, o que justifica o projeto de unificação das imagens da pessoa-no-mundo de Wilfrid Sellars segundo uma metodologia transcendental explicitamente kantiana.
Palavras-chave: Immanuel Kant; Transcendental; Racionalidade; Wilfrid Sellars

Abstract: I seek to present, in a synthesized and simplified manner, what the American philosopher Robert Brandom has called the "modal Kant-Sellars thesis", and propose exploring its consequences for the formulation of a synthesized image of the manifest and scientific images of the person-in-the-world. I interpret the modal Kant-Sellars thesis as a thesis about the constitution of human rationality as implying the insertion of the rational subject in a normative and inferentially articulated space of reasons. In its turn, this thesis implies the unification of the descriptive and normative vocabularies into one single image, which justifies Wilfrid Sellars's project of unifying the images of the person-in-the-world according to an explicitly Kantian transcendental methodology.
Key-words: Immanuel Kant; Transcendental; Rationality; Wilfrid Sellars

INTRODUÇÃO

Buscarei aqui apresentar, de forma sintetizada e simplificada, a chamada "tese modal Kant-Sellars" como uma tese da unificação de duas imagens díspares do que o filósofo estadunidense Wilfrid Sellars chamou de "imagem manifesta" e "imagem científica" da pessoa-no-mundo. O conflito entre ambas as imagens é uma interpretação do conflito ontológico e epistêmico entre os âmbitos explanatórios normativo e causal, respectivamente: a imagem manifesta enfatiza o aspecto normativo da existência da pessoa-no-mundo, enquanto a imagem científica enfatiza o aspecto causal e descritivo da pessoa-no-mundo. Proponentes de ambas as imagens afirmam que suas respectivas

* *Doutorando e Mestre em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: henrisp97@Gmail.com*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

imagens são imagens completas sobre a pessoa-no-mundo, ou seja, elas não precisam recorrer a recursos fora da própria imagem para explicar os fenômenos com as quais elas se confrontam. Ambas almejam explicar os mesmos fenômenos e os mesmos objetos, mas segundo métodos e obtendo resultados bastante distintos. Como resolver este conflito?

O projeto de unificação destas imagens, isto é, do reconhecimento da incompletude destas imagens e o reconhecimento de sua necessidade mútua, é chamado de "projeto sinóptico", e é levado a cabo por Sellars segundo uma metodologia explicitamente kantiana. Sellars é conhecido por tentar conduzir a filosofia analítica de seu estágio empirista humeano, ao seu estágio transcendental kantiano. Por meio deste caminho, Sellars almejava incorporar os métodos e conhecimentos da filosofia analítica a uma concepção transcendental da atividade racional. A concepção à qual Sellars chega seria batizada por Robert Brandom de "tese modal Kant-Sellars".

A metodologia transcendental refere-se ao método kantiano de estabelecer as condições necessárias para a formulação do conhecimento legítimo. Por meio da virada linguística da filosofia analítica, Sellars incorpora os temas da psicologia transcendental kantiana a uma "linguística transcendental", em que Sellars buscaria as condições necessárias para a atividade linguística racional. A tese modal Kant-Sellars constitui, portanto, parte fundamental de um arcabouço teórico ainda maior, que constituiria o kantismo analítico de Sellars. Contudo, o espaço ocupado por esta tese, argumentarei, é um espaço fundamental, visto que constitui parte inextricável do projeto sinóptico conforme defendido por Sellars.

Para a primeira seção, introduzo a imagem manifesta da pessoa-no-mundo, e discuto acerca dos seus limites teóricos; faço o mesmo na segunda seção, porém com a imagem científica. Na terceira seção, introduzo a tese modal Kant-Sellars, e o faço realçando o modo pelo qual esta tese unifica os aspectos centrais das duas imagens anetriormente introduzidas, as imagens manifesta e científica, em seus aspectos normativo e descritivo, respectivamente. Para a quarta seção, argumento então em favor da unificação da duas imagens, a partir da contribuição da tese modal Kant-Sellars, em favor da construção de uma "imagem sinóptica". Concluo finalmente com uma compreensão da tese modal Kant-Sellars como uma tese acerca da natureza da racionalidade humana, que a divide em dois âmbitos: um descritivo-explanatório, outro normativo-funcional.

1. O FENOMÊNICO E A IMAGEM MANIFESTA

O idealismo transcendental de Kant é caracterizado pela divisão entre o fenomênico – as coisas tais como são percebidas – e o numênico – as coisas tais como elas são. Esta conhecida divisão, levada a cabo por Kant na primeira *Crítica*, desloca as categorias do seu papel descritivo das coisas-em-si, para um papel normativo do pensamento: as categorias, tal como espaço e tempo, não existem "lá fora", mas cumprem um papel regulativo para a constituição do

pensamento em si. A partir deste deslocamento, Kant reimagina o papel do metafísico não mais como um papel especulativo sobre a natureza última das coisas, mas sim como uma tarefa normativa, de entender a constituição fundamental do próprio pensamento, e traçar seus limites, isto é, o ponto a partir do qual o pensamento acaba e a natureza numênica do mundo externo ao pensamento começa.

A tese da divisão entre coisa-em-si não-cognoscível e fenômeno cognoscível foi amplo alvo de críticas no que se seguiu a publicação da *Crítica da razão pura* (DUDLEY, 2007). Tal posição crítica continuou até sua incorporação a filosofia analítica, cujas proclividades ora realistas, ora cientificistas tornavam o idealismo transcendental kantiano pouco palatável, mesmo para aqueles que tomavam a obra de Kant com grande seriedade e cuidado, tal como Peter F. Strawson (1966). Para Wilfrid Sellars, no entanto, o grande trunfo kantiano estava justamente no seu idealismo transcendental: nele, Kant teria tornado explícito o grande problema do pensamento contemporâneo, a natureza da relação entre o conceitual e o real (SELLARS, 1968). Esta divisão, por sua vez, é interpretada por Sellars como constituindo duas imagens do que ele chamou de *pessoa-no-mundo*[1] (SELLARS, 1963), as imagens manifesta e científica.

A divisão kantiana entre coisa-em-si e aparência é, na interpretação desenvolvida por Sellars, um desdobramento da divisão anterior entre realidade formal e objetiva (SELLARS, 1968). Tal divisão pode ser encontrada em Descartes na divisão entre qualidades primárias e secundárias, embora discussões sobre esta divisão remontem até o período medieval. Para Descartes, há qualidades cuja realidade se constitui "lá fora", no objeto independente da representação, enquanto outras encontram sua realidade nos estados mentais subjetivos do sujeito, na representação em si. Para Sellars, entretanto, Descartes é responsável por uma retração na evolução da conceitualização da estrutura formal do pensamento, na medida em que ele interpreta os estados mentais como intrinsecamente idênticos entre si. Como afirma Sellars, a atração pelas formas lógicas do pensamento, "que revive em Leibniz e, acima de tudo, Kant, está quase totalmente ausente em Descartes e seus sucessores britânicos" (SELLARS, 1968, p. 38).

De fato, Kant vai além mais que Leibniz, sugerindo que mesmo aquelas qualidades que se pensavam existirem em si mesmas, tais como qualidades espaciais de tamanho ou peso, existem como aparências, embora de características distintas das representações temporais, por exemplo. Enquanto há muito a ser dito sobre as aparências e sua estrutura formal determinada pelas categorias transcendentais formuladas na seção da analítica transcendental da *Crítica da razão pura* (2012), o mesmo não pode ser dito sobre a coisa-em-si. Para Kant, a existência das aparências implica a existência das coisas-em-si, embora estas sejam dadas na aparência somente a partir das intuições espaciais e temporais ordenadas segundo as categorias transcendentais do pensamento.

O fenômeno, portanto, é o que nos é feito manifesto por meio seja da eficácia causal do objeto em si mesmo, seja pelo aparato cognitivo do sujeito que é causalmente interpelado pelo objeto em si. Para Kant, e contra Descartes,

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

o pensamento é diversamente e ativamente estruturado pelo sujeito segundo suas formas conceituais intuitivas e categoriais. Sellars, por outro lado, enxerga nesta "virada normativa" (BRANDOM, 2002) kantiana o epítome de uma imagem da pessoa-no-mundo, a imagem manifesta, nomeada precisamente pois é a imagem da pessoa-no-mundo que se faz "manifesta" para nós mesmos, ao nível da atividade conceitual discursiva. As qualidades primárias e secundárias ocupam o âmbito empírico e descritivo desta imagem, crucial para a constituição da investigação científica segundo os parâmetros estipulados por esta imagem. A imagem manifesta não contrasta com a imagem científica no sentido de ser anti-científica, mas compreende a atividade científica dentro de parâmetros específicos, isto é, dentro de uma concepção da realidade empírica específica, como dividida em qualidades distintas.

A imagem manifesta, porém, constitui outro âmbito além do empírico e descritivo: o âmbito categorial, normativo, em que pessoas, os sujeitos lógicos (os indivíduos irredutíveis) da experiência e da ação, tornam-se responsáveis pelas atitudes que estes endossam, reprovam ou deixam de endossar. É neste âmbito que podemos falar do conhecer propriamente dito, como um posicionar no "espaço lógico das razões" (SELLARS, 2008). Na medida em que endossamos um conhecimento legítimo, um conhecimento verdadeiro e justificado qualquer, nos situamos no espaço lógico das razões e, por consequência, passamos a nos entender segundo os moldes da imagem manifesta. Contudo, é importante ressaltar que nada disso queira dizer que a imagem manifesta seja uma imagem simples, do senso-comum, que nos é simplesmente e imediatamente dada na experiência ordinária. Ao invés, por se tratar de uma imagem categorial, ela está sujeita ao constante refino intelectual levada a cabo por intelectuais, filósofos e cientistas de todas as gerações. Filosofias tão complexas e diversas como as de Aristóteles até aquelas de Heidegger e Wittgenstein se situam como os ápices de sofisticação intelectual desta imagem. Kant em particular representa um ponto de virada incontornável na evolução intelectual desta imagem, na medida em que tornou explícito o âmbito categorial que rege suas normas constitutivas. As categorias transcendentais por ele investigadas constituiriam o fundamento necessário para a investigação objetiva dos fenômenos mais básicos da imagem manifesta.

No entanto, foi Hegel que, segundo Sellars, deu o passo seguinte crucial para a evolução intelectual desta imagem. Para Sellars, Hegel é responsável por uma virada na nossa concepção da inteligibilidade da imagem manifesta, pois concebe o pensamento conceitual como respondendo não à estrutura categorial do mundo, mas sim aos padrões históricos de relevância e correção. Desta forma, Hegel conceberia o conceitual como essencialmente social e histórico. Tal como Kant, Hegel também evitaria entender o conceitual como "lá fora", no mundo causal, evitando conceber o mundo como possuindo uma estrutura categorial que é passivamente carimbada na cognição do sujeito pensante e, portanto, evitando um dualismo entre a atividade causal e conceitual, ao conceber a última como *sui generis*, respondendo a padrões historicamente evoluídos e socialmente instituídos. A ordem inteligível não é mais explicada segundo uma teoria platônica das formas, mas sim como um fenômeno coletivo

e histórico. Contudo, uma dificuldade central permanece: qual é a natureza da interação entre a ordem causal e a ordem inteligível?

A revolução que Hegel leva a cabo é somente possível por se assentar sobre a revolução copernicana kantiana anterior, que deslocou o sujeito cognitivo das margens do conhecimento para um papel ativo na construção deste conhecimento. Historicizando as categorias *a priori* antes fixadas como o abstrato mais rudimentar da nossa cognição, Hegel nos dá a imagem da razão não como de um acesso a um reino privado do mental, ou como um acesso a uma ordem das formas, mas sim como uma atividade social normativamente regulada e historicamente evoluída.

Na mesma medida em que a imagem manifesta se encontra em evolução a partir de seu princípio rudimentar, ela constantemente se depara com seus limites intelectuais. Seriam estes limites constitutivos da própria imagem? Sellars pensa que sim: ambas as imagens, a manifesta e a científica, são fundamentalmente limitadas, isto é, estão limitadas pela sua própria constituição. Ambas, contudo, pretendem ser imagens completas da pessoa-no-mundo. Desta forma, a imagem científica, posterior à imagem manifesta, consegue refinar e responder muitos dos limites aparentemente constitutivos da imagem manifesta, porém esbarrará ela mesma em novos limites.

2. O numênico e a imagem científica

Há pouco a ser dito sobre a coisa-em-si na filosofia do idealismo transcendental kantiano. Isto se deve ao fato de que o idealismo transcendental concebe o nosso conhecimento como estruturado em um nível essencial pelas categorias transcendentais do pensamento, que nada dizem respeito ao mundo como ele é em si. Porém, podemos dizer que o numênico é um ator sobre as aparências, de forma que sem a coisa-em-si, não existiriam as aparências. Esta posição é realçada por Sellars em *Science and metaphysics* (1968). Desta forma, podemos reconhecer em Kant uma espécie de "realismo" do mundo externo, embora seja um realismo somente do tipo ontológico, e não epistemológico. Para alcançar este último, Sellars introduz a imagem científica da pessoa-no-mundo.

A imagem manifesta descreve objetos do senso comum a partir de suas características observáveis. Este processo descritivo, por sua vez, foi refinado até o surgimento do conhecimento científico, que buscava uma compreensão destes objetos a partir de uma metodologia rigorosa de teste e observação. Os objetos da imagem manifesta, contudo, sempre foram os do senso comum, ou seja, da experiência ordinária: mesas, cadeiras, cores, sons, etc. A ciência, contudo, a partir de sua investigação crescentemente rigorosa acerca destes fenômenos se deparou com os limites descritivos da imagem manifesta, em que o senso comum era incapaz de explicar certos fenômenos observáveis. Para desenvolver uma explicação acerca destes fenômenos, a ciência se desenvolveu de tal forma que acabou divergindo por completo da imagem manifesta, criando uma imagem distinta e contrastante a da imagem manifesta.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

A imagem científica, segundo Sellars, se distingue da imagem manifesta primariamente pela sua característica de explicar fenômenos observáveis segundo fenômenos não observáveis, que estão fora do âmbito do senso comum. Assim, na física newtoniana, o movimento gravitacional dos corpos celestes é explicado segundo uma força invisível, mas plenamente explicável a partir de uma estrutura matemática, que torna o fenômeno em questão previsível. O mesmo pode ser dito do movimento browniano: o movimento errático dos grãos de pólen em uma gota d'água, passa a ser explicada segundo uma entidade invisível, os átomos. As explicações da imagem científica fogem da estrutura do senso comum por explicarem fenômenos que nos são facilmente dados ao nível sensível e racional, segundo fenômenos que aparentam contradizer diretamente o que nos é dado neste nível. Na medida em que estas descrições nos concedem a capacidade de prever os fenômenos antes imprevisíveis do senso comum, elas devem ser consideradas mais completas e, portanto, substitutas das descrições da imagem manifesta, em que esta última estaria em conflito com as descrições científicas. A ideia de que descrições científicas devem sempre possuir prioridade sobre as descrições do senso comum é conhecida como a máxima *scientia mensura*: toda questão descritiva é, ultimamente, uma questão pertinente às ciências.

Devemos, então, abandonar a imagem manifesta? Sellars não acredita na substituição de uma imagem pela outra, mas sim em uma unificação das duas imagens, no que podemos chamar de "imagem sinóptica". Isto pois, enquanto a imagem manifesta é tornada redundante em seu aspecto descritivo, a imagem científica enfrenta uma barreira, a do âmbito *prescritivo*. A imagem científica somente se constitui como tal a partir de um conjunto de práticas prescritivas, isto é, práticas reguladas por normas do tipo dever-fazer. Enquanto a imagem científica pode descrever o conjunto de normas do tipo dever-fazer de uma dada comunidade, ela não pode prescrever estas normas, pois o âmbito da prescrição requer o reconhecimento de um sujeito lógico destas normas que *incorporem* estas normas, no sentido de se inserir em um espaço lógico das razões, ou melhor, no sentido de jogar um jogo de linguagem do tipo de que Robert Brandom chamou de "jogo de dar e pedir por razões" (1994).

Uma das características enfatizadas por Sellars da imagem científica da pessoa-no-mundo é que, assim como a imagem manifesta truncou a imagem da pessoa correspondendo-a somente com aquilo que é humano, também a imagem científica truncou ainda mais a imagem da pessoa, dissipando-a de uma concepção de sujeitos lógicos irredutíveis da experiência e da ação para um "sistema físico complexo" (SELLARS, 1963). Assim, o que era antes um sujeito irredutível ao qual nós poderíamos prescrever certas normas sem falha, torna-se um sujeito difuso, o que impossibilita a prescrição correta de normas. Há, portanto, um conflito entre ambas as imagens: a imagem manifesta possui uma imagem que é capaz de abordar o âmbito normativo da pessoa-no-mundo, mas possui uma concepção falha do seu nível descritivo, enquanto a imagem científica é capaz de desenvolver uma descrição acurada e balanceada da pessoa-no-mundo, mas fracassa em nos conceder uma mesma imagem da pessoa-no-mundo em seu nível normativo. Ambas as imagens, portanto, são

incompletas na medida em que ambas fracassam em nos dar uma imagem da pessoa-no-mundo com ambos os âmbitos normativo e descritivo fundamentais para a sua constituição. Ambas, contudo, possuem a pretensão de serem imagens completas, apesar de esbarrarem nas suas próprias limitações e contradições.

3. Tese modal Kant-Sellars

A principal obra de Sellars, *Empirismo e filosofia da mente* (2008), possui duas ideias centrais: a primeira, o espaço lógico das razões é uma ideia pragmática do conhecer, isto é, Sellars entende por esta ideia que o conhecer é um posicionamento prático em um espaço social de razões discursivas, no qual você se torna responsável por aquilo que endossa ou deixa de endossar. O posicionamento neste espaço é entrar em um jogo de linguagem, sendo o mais básico dos jogos de linguagem do espaço lógico das razões o jogo de dar e pedir por razões, no qual é esperado que você e os demais à sua volta endossem razões inferencialmente conectadas uma às outras, ou seja, razões derivadas das proposições que você endossou ou deixou de endossar. Trata-se, portanto, de um espaço de possibilidades, no qual é necessário saber navegar, isto é, ter posse das normas inferenciais que conectam uma razão a outra, para poder se posicionar e assim poder propriamente dizer possuir um conhecimento, ou uma razão.

A segunda ideia apresentada no *Empirismo e filosofia da mente* (2008) é a *scientia mensura* que, como vimos acima, é a ideia de que a ciência possui a última palavra no que diz respeito a descrições sobre o mundo. Estas descrições, Sellars espera, convergiriam em torno de um nominalismo que incluiria em suas formas um nominalismo psicológico, isto é, um nominalismo acerca dos nossos estados mentais. Como vimos acima, Sellars interpretou Descartes como defendendo a igualdade dos nossos estados mentais, o que Sellars entendia como uma séria fraqueza do sistema cartesiano. Na tese do nominalismo psicológico[2], no entanto, todos os estados mentais são reduzidos a questões linguísticas, o que não é dizer que Sellars entende os estados mentais como não existindo em seu caráter privado, mas que estes são intersubjetivamente constituídos no modo pelo qual nos são apresentados. Entendido desta forma, estados mentais perdem seu caráter misterioso caracterizado segundo sua privacidade absoluta e sua aparente imediaticidade, para se tornarem suscetíveis a descrições científicas a serem desenvolvidas pela psicologia e ciências cognitivas.

O mundo não possui uma estrutura categorial e nem a mente. Resta, então, a questão: se a ciência possui a última palavra no que diz respeito a descrição do mundo, em qual nível poderemos encontrar as normas que regulam o espaço lógico das razões? De qual forma Sellars conciliaria o pensamento categorial kantiano com seu nominalismo naturalista[3]? O modo pelo qual Sellars enxerga uma necessidade de conceber as imagens manifesta e científica da pessoa-no-mundo e seus respectivos caráteres normativo e

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

descritivo é por meio de uma concepção de dependência mútua entre os âmbitos normativo e descritivo. A tese acerca desta dependência mútua é desenvolvida segundo uma concepção sobre a realidade do espaço de possibilidades que caracteriza o espaço lógico das razões, ou seja, uma concepção sobre a realidade do nosso vocabulário modal. Esta é o que Brandom chamou de "tese modal Kant-Sellars" (BRANDOM, 2015).

A tese modal Kant-Sellars tem origem na virada normativa empreendida por Kant em seu projeto crítico. Para Brandom, esta virada normativa está na distinção crucial entre dois tipos de atividades cognitivas, a senciência como percepção, e a sapiência como inteligência, em que esta última está caracterizada, contra a primeira, como um espaço no qual o seu sujeito se responsabiliza por aquilo que ele endossa. Uma ação sapiente requer um compromisso que responde a padrões normativos de correção, tornando seu sujeito responsável segundo estes padrões. Neste espaço de responsabilidade normativa, a fim de propriamente se posicionar no espaço lógico das razões, o sujeito deve tornar explícito aquilo que ele endossa ou deixa de endossar. Esta forma de expressivismo semântico[4] está presente em Kant na teoria das categorias do pensamento na formulação de uma estrutura metaconceitual, que deve ser feita explícita na razão crítica para demonstrar a articulação normativa de todo vocabulário descritivo: as descrições são dependentes das categorias *a priori* na medida em que ultimamente respondem a estas. Crucial para esta estrutura metaconceitual estão os conceitos alético-modais, conceitos referentes a necessidade e possibilidade.

A centralidade dos conceitos alético-modais vêm da articulação do vocabulário descritivo, articulado por relações alético-modais: seja na descrição da necessidade de uma força ou lei da natureza, seja na descrição da propriedade de um objeto – como sua cor, som ou peso – o vocabulário descritivo, empírico ou científico, constitui uma estrutura cujos componentes mais fundamentais seriam, na interpretação kantiana, os conceitos puros das categorias alético-modais. O caráter *a priori* das categorias alético modais é oriundo de sua forma expressiva do caráter estrutural do vocabulário empírico, sua potência em ser aplicável a qualquer conceito empírico fundamental, e sua universalidade em ser aplicável a qualquer conceito empírico, e não se referir a somente um conceito em particular (BRANDOM, 2015, p.175) Brandom argumenta que as categorias modais em Kant possuem um duplo caráter em se constituírem tanto como categorias *a priori*, por um lado, e como características do mundo empírico, por outro, ao exprimir a necessidade da causalidade a partir do "princípio puro" segundo o qual "toda alteração necessita de uma causa" (BRANDOM, 2015, p. 175). Categorias modais, portanto, tornam explícito o que há de implícito no vocabulário descritivo, tanto no que diz respeito a sua estrutura quanto ao seu conteúdo.

Sellars desenvolve mais a fundo as ideias kantianas, explorando-as sob a influência da filosofia analítica. Para Sellars, a ideia central da tese modal kantiana era a de inserir os conceitos em um espaço de implicações racional, em vez de uma estrutura perceptiva. Somente levando em conta o aspecto funcional racional dos conceitos é que podemos entender sua força

justificatória no desenvolvimento de relatos descritivos. Relatos descritivos não são uma questão de mera rotulação, isto é, atribuir a certos objetos ou fenômenos uma palavra, mas se tratam de situar-se neste espaço racional de implicações, implicações estas que são inferencialmente articuladas por normas, sejam elas formais, isto é, normas lógicas, ou materiais, isto é, referentes ao conteúdo proposicional da inferência em questão. O papel do vocabulário modal é precisamente tornar explícito estas implicações, que são fundamentais para o exercício da atividade racional, incluso nela a atividade de descrição. A noção da articulação inferencial dos conceitos empíricos e a função das categorias modais em tornar explícito o que há de implícito nestas articulações desemboca no que Brandom chamou de "tese Kant-Sellars sobre modalidade", ou simplesmente "tese modal Kant-Sellars":

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

> em saber como usar o vocabulário descritivo empírico, já se sabe como fazer tudo que se deve saber para ser capaz (em princípio) de usar o vocabulário alético modal. Segundo esta tese, alguém não pode estar no dilema semântico no qual Hume e Quine se encontravam: entender perfeitamente bem o vocabulário empírico descritivo ordinário, mas ainda assim não ter nenhum controle sobre o que é expresso pelo vocabulário modal. (BRANDOM, 2015, p. 179)

Para Brandom, a contribuição de Sellars para a tese modal é trripla: primeiro, trata-se da inserção da articulação inferencial na expressão modal, que é atribuída por Brandom a Frege[5], e que Sellars teria dado continuidade. Segundo, Sellars compreende a expressão modal não somente como uma questão semântica, mas também pragmática, isto é, o vocabulário modal, em sua função expressiva, constitui o que Brandom chama de "metavocabulário pragmático" (2015, p.189), que permite o sujeito dizer o que ele quer dizer quando usando certas expressões linguísticas, tais como as expressões empíricas descritivas ordinárias, entre outras explicitações expressivas (2015, p.189-190). A terceira alteração que Brandom aponta da contribuição de Sellars para a tese modal diz respeito ao caráter metalinguístico do vocabulário modal em relação ao vocabulário descritivo, isto é, o uso do primeiro vocabulário se faz sempre implícito no uso do último.

O importante a se ter em mente aqui é que a tese modal Kant-Sellars não é uma tese particular acerca das nuances do significado linguístico, ou da significância dos jogos de linguagem; trata-se, na verdade, de uma tese da atividade racional: uma atividade discursiva racional requer do seu sujeito sua inserção em um espaço de implicações normativamente articulado segundo normas formais e materiais, que este sujeito tenha posse destas normas por meio da posse de um metavocabulário de implicações alético-modais. A tese modal Kant-Sellars é uma tese sobre a inteligência racional. O que distingue, portanto, um papagaio que enuncia "isto é vermelho" na presença de um objeto vermelho, ou uma inteligência artificial que enuncia o mesmo ao input de um objeto vermelho, é que estes não estão inseridos neste espaço de implicações e, portanto, não estão em nenhum sentido significativo, responsáveis por estas enunciações. Suas enunciações são meros sons, e não posicionamentos em um jogo de linguagem.

Há muito a ser explorado sobre a tese modal Kant-Sellars que não

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

poderemos explorar a fundo no espaço limitado deste artigo. Mas há algo evidente no que diz respeito ao que esta tese nos diz sobre a divisão entre as imagens manifesta e científica: ambas realçam respectivamente os aspectos normativo e descritivo em suas melhores formas; contudo, como ficou claro até aqui, ambos os vocabulários, que são imprescindíveis para estas imagens são inextricáveis umas das outras, o que torna ambas fundamentalmente incompletas. O projeto sinóptico de Sellars é assim justificado segundo sua tese sobre a inteligência racional. Mas uma nova pergunta, então, surge: como realizar a unificação entre imagens díspares, imagens que se referem a vocabulários distintos e, no entanto, inextricáveis?

4. A tese modal Kant-Sellars e a imagem sinóptica

Enquanto tese sobre a racionalidade, a tese modal Kant-Sellars pressupõe a necessidade de uma imagem da pessoa-no-mundo que incorpore os aspectos descritivo e normativo desta imagem, de forma a explicar sua relação. Para que esta ambição seja cumprida, algo deve ceder na constituição da completude destas imagens. Para Brandom, o que deve ceder é a tese da *Scientia mensura*, isto é, a tese de que a ciência tem a última palavra no que diz respeito a descrição de objetos e fenômenos no mundo. De acordo com essa tese, os objetos da imagem manifesta seriam transcendentalmente reais somente na medida em que seriam identificados segundo a estrutura da imagem científica.

Para Brandom (2015), a tese modal Kant-Sellars implica uma tese sobre identidade. De acordo com a tese modal, como vimos, a aplicação do vocabulário descritivo é dependente do uso de condicionais para exprimir suas possibilidades, implícitas em uma teia de conexões inferencialmente reguladas; ou seja, descrever é uma atividade que envolve o endosso de possibilidades não necessariamente atuais. Tendo em vista o caráter modal das descrições, a inclusão de propriedades modais nos conduz para a necessidade em reconhecer que descrições dependem do que sabemos o que o objeto da nossa descrição pode ser, ou seja, que sua identidade não é uma questão fixa, mas é dependente do que reconhecemos em sua descrição como suas propriedades modais. Uma consequência radical desta tese sobre identidade, Christias argumenta (2018), é especialmente relevante para objetos identificados com base em seu papel funcional, tendo em vista seu caráter relativamente autônomo em relação à sua constituição material[6]. Tal autonomia é proveniente da propriedade modal inerente aos papéis funcionais desempenhados por certos objetos: caso estes deixem de cumprir estes papéis, sua identidade enquanto determinada pelas suas possibilidades é destruída, tornando-se idêntico tão somente a sua constituição material.

O argumento de Brandom segue esta linha de pensamento em afirmar que objetos descritos na imagem manifesta compõem uma dimensão normativa funcional que é perdida na descrição da imagem científica, de modo que elas não podem ser reduzidas à sua constituição material sob pena de perder um

caráter importante e significativo de seu caráter descritivo. A tese da *Scientia mensura*, portanto, não pode ser verdadeira, ao menos em sua compreensão identitária na medida em que falha em considerar o componente normativo-descritivo de objetos funcionalmente articulados. É certo que a ciência ainda pode descrever os componentes materiais que realizam estas funções, mas são incapazes de determinar as realizações funcionais elas mesmas. A imagem sinóptica seria assim preservada segundo o reconhecimento dos papéis distintos que as imagens cumprem: enquanto a imagem científica refere-se ao substrato material da pessoa-no-mundo, a imagem manifesta se ocupa das realizações funcionais destes substratos.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

Para Christias (2018), no entanto, não é tão simples: a tese da *Scientia mensura* poderia muito bem ser interpretada de forma mais branda, não como uma tese sobre a identidade entre os objetos da imagem manifesta e científica, mas sim como uma tese sobre a eficácia causal da última sobre a primeira, isto é, sobre a precedência ontológica dos objetos da imagem científica sobre os da imagem manifesta. Desta forma, Christias argumenta que a relação entre ambas as imagens estipulada pelo princípio em questão não é um de identidade, mas sim de explicação. O mundo espaço-temporal descrito pela imagem científica é somente apropriadamente descrito na ausência das descrições normativo-funcionais da imagem manifesta, o que não é dizer que estas não existam ou não sejam reais, mas que suas propriedades modais não existem ao nível da constituição material. Neste sentido, os objetos da imagem manifesta seriam "aparências" de uma realidade subjacente e, apesar de não serem objetos falsos ou irreais, eles não são autônomos como pressuposto na tese da identidade descrita por Brandom, pois não são objetos causalmente eficazes. Seu papel pode muito bem ser indispensável ao nível da explicitação prática para os seres que somos, porém ao nível do que é causalmente eficaz, eles são dispensáveis.

Christias, contudo, afirma que Brandom contestaria esta defesa por argumentar que ela é problemática como um princípio da *Scientia mensura*, tendo em vista que ela resultaria numa espécie de fenomenalismo que Sellars já teria rejeitado: o fenomenalismo, que é de fato criticado por Sellars, defenderia a ideia de que a fala sobre objetos físicos é dispensável para o vocabulário descritivo empírico. Sellars contesta essa concepção ao argumentar que a fala sobre objetos físicos persistentes é necessária para o uso de condicionais subjuntivos, crucial para o vocabulário modal descritivo. Neste sentido, tal como o fenomenalismo, a interpretação funcionalista da *Scientia mensura* pretende explicar um vocabulário segundo os termos de um vocabulário supostamente fundamental, sendo que os termos que compõem a estrutura da imagem manifesta são tomados como antecedentes necessários na constituição da imagem científica, que pressupõem o uso dos seus termos na estrutura do senso comum. Neste sentido, a imagem manifesta não deve ser entendida como somente "fenomenal", tendo em vista sua correlação com a estrutura da imagem científica.

Contudo, Christias (2018) argumenta, precisamos relevar o caráter mutável da imagem científica – que busca constantemente novas melhores explicações para os fenômenos com o qual se depara – em contraste com a

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.93-106

instabilidade das descrições da imagem manifesta – devido à rudimentaridade dos seus métodos de observação empírica – para obtermos a concepção que Sellars realmente almejava com sua interpretação funcionalista de seu realismo científico: a realidade dos objetos da imagem científica não se deve a processos absolutos,[7] mas seria realizações de uma realidade normativo-funcional, ultimamente construída pelas pessoas. Estas, sim, seriam causalmente eficientes sobre a realidade processual descrita segundo os termos descritivo-explanatórios da imagem científica, embora esta eficiência causal não responda somente a termos distintos aos do processo absoluto, como são constituídos, ao nível básico por estes, em um sentido que o processo absoluto não é constituído em um nível básico pela realidade normativo-funcional da imagem manifesta.

Considerações finais

A tese modal Kant-Sellars é uma tese sobre a razão. Nela, a razão é interpretada como uma habilidade inferencialmente articulada de saber navegar um espaço de possibilidades normativamente reguladas. Este espaço, contudo, não existe no mundo como um objeto independente do seu sujeito, ainda que suas normas possam ser isomórficas a este mundo. Pelo contrário, este espaço é constituído pela atividade social dos seus sujeitos, a atividade de endossar ou não certas atitudes ou conteúdos proposicionais. A tese modal pressupõe, portanto, uma dicotomia entre o que é normativo-funcional, isto é, o espaço lógico das razões, e o descritivo-explanatório, isto é, a realidade processual. Esta dicotomia se sustenta sobre a noção de diferentes normas as quais respondem estes diferentes espaços. Porém, enquanto a ciência for capaz, a partir de sua estrutura, de explicar a emergência de uma estrutura normativa distinta daquela encontrada na realidade processual por ela descrita, esta dicotomia não se traduz para um dualismo, pois a relação entre ambas as partes será bem explicada. A tarefa sellarsiana é então entendida em termos kantianos como a reformulação das categorias do fenomênico e do numênico no sentido de evitar qualquer tipo de dualismo ao qual nós poderíamos nos sentirmos tentados a sermos levados na formulação kantiana.

A tese modal Kant-Sellars constitui parte inextricável de um arcabouço teórico desenvolvido por Sellars para explicar, a partir de uma metodologia transcendental explicitamente kantiana, como os aspectos normativo e causal se harmonizam na nossa atividade racional. O kantismo de Sellars, conforme abordado neste artigo a partir da tese modal Kant-Sellars é, portanto, a tentativa de Sellars de construir uma imagem da atividade racional que não seja nem um disco rodando no vazio conceitual, nem uma marionete atada às cordas da causalidade.

Referências

BRANDOM, Robert. *Making it explicit*: Reasoning, representing, and discursive
commitment. Ed. Harvard university press, 1994.

BRANDOM, Robert. *Tales of the mighty dead*: Historical essays in the metaphysics of intentionality. Ed. Harvard University Press, 2002.

BRANDOM, Robert.*Articulating reasons:* An introduction to inferentialism. Ed. Harvard University Press, 2009.

BRANDOM, Robert. *From empiricism to expressivism*: Brandom reads Sellars. Ed. Harvard University Press, 2015.

CHRISTIAS, Dionysis. On the proper construal of the manifest-scientific image distinction: Brandom contra Sellars. In: *Synthese*, v. 195, p. 1295-1320, 2018.

DEVRIES, Willem A. *Wilfrid Sellars*. Montreal/Kingston/Ithaca: Ed. McGill-Queen's University Press, 2005.

DUDLEY, Will. *Idealismo alemão*. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012.

LANDY, David. *Kant's inferentialism*: The case against Hume. Ed. Routledge, 2015.

SELLARS, Wilfrid. *Science, Perception and Reality*. Atascadero: Ed. Ridgeview
Publishing Company, 1963.

SELLARS, Wilfrid. HONDERICH, Ted. *Science and Metaphysics*: Variations on
Kantian Themes. Londres: Ed. Routledge & Kegan Paul Ltd., 1968.

SELLARS, Wilfrid; BRANDOM, Robert.; RORTY, Richard. *Empirismo e Filosofia
da Mente*. 4, Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis, RJ: Ed.Vozes, 2008.

STRAWSON, Peter F.. *The Bounds of Sense:* An Essay on Kant's Critique of Pure
Reason, London and New York: Ed. Routledge, 1966.

Notas

1 Traduzido do original *man-in-the-world* (SELLARS, 1963, p. 3).

2 Defendido por Wilfrid Sellars em *Empirismo e filosofia da mente*, a tese do nominalismo psicológico sugere que toda fala sobre entidades abstratas, em especial toda fala sobre entidades psicológicas abstratas, como "dor" ou "prazer", é uma questão linguística.

3 Conforme escreve deVries (2005, p.18), o nominalismo sellarsiano é diretamente correlacionado ao seu naturalismo, e é consequência de sua crença na realidade dos indivíduos descritos pela imagem científica, independentes da realidade de entes abstratos.

4 Expressivismo é diretamente contrastado por Brandom (2009) com outra teoria

semântica, o representacionalismo. Enquanto esta última entende a atividade cognitiva, a atividade de conhecer algo, como uma atividade passiva de recepção de dados externos, intuitivos ou sensoriais, o expressivismo enfatiza a atividade cognitiva como uma atividade de expressar o que está implícito por meio da atividade linguística, conceitual. Assim, o expressivismo semântico pode ser entendido como a teoria semântica que enfatiza o papel da agência do sujeito epistêmico na formação da própria atividade cognitiva.

5 David Landy (2015), por outro lado, argumenta que a ênfase na articulação inferencial necessária para a razão já pode ser encontrada em Kant. A tese do "inferencialismo semântico", cunhada por Brandom, é a tese de que a razão é necessariamente (e talvez suficientemente) inferencialmente articulada.

6 Christias (2018) oferece o exemplo de uma estátua de argila, que é destruída se transformada numa esfera, e um monte de argila, que permaneceria idêntica a si mesma com o mesmo ato: a constituição material é distinta da sua realização funcional, ainda que esta última necessite da primeira. A estátua de argila coincide espacialmente com seu material, mas na tese da identidade Kant-Sellars, ela não pode ser identificada com esta, pois não possuem as mesmas propriedades modais.

7 Sellars entendia a ontologia fundamental a ser descrita pelo progresso científico como de um "Processo absoluto", que se desfaria da dicotomia entre sujeito-predicado, em favor da fala sobre eventos e fenômenos.